

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígenas

Licenciatura Intercultural de Formação Superior de Professores Indígenas

Panhĩ kot tãm mē amnhĩpêx hã kagà
Formas de tratamento e de Respeito
entre os Apinaje

Projeto Extraescolar

Kagà pumunh xwynh/acadêmica: **Sheila Baxy Pereira de Castro**
Apinaje

Aldeia Botica, Terra Indígena Apinaje

dezembro de 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígenas
Licenciatura Intercultural de Formação Superior de Professores
Indígenas

Panhĩ kot tãm mē axpe nhĩpēx hãkagà
Forma de tratamento e de Respeito entre os Apinaje

Kagà pumunh xwynh/acadêmica: **Sheila Baxy Pereira de Castro**
Apinaje

Kagà jakre wxynh/orientadores: **Alexandre Herbetta**

Joana Aparecida Fernandes Silva

Maria José (Sipanu)

Maria Amhnák (Sikrãpo

Tepkryt pahi , José R. da Silva

Krĩ - Aldeia Botica – Terra Indígena Apinajé - Tocantins-Brasil,
Dezembro de 2021

Sumário

AGRADECIMENTOS (HÂMRI)	6
APRESENTAÇÃO	8
AS RELAÇÕES DE RESPEITO ENTRE APINAJE (TÂM MÊ AMNHÍPĒX)	8
MINHA VIVÊNCIA NA ALDEIA	9
METODOLOGIA DA PESQUISA	10
O QUE É KOOTI E KOORE, SEUS SIGNIFICADOS	11
NOMEAÇÃO, BATISMO E ENTREGA DE ENFEITES	17
O QUE É KATÂM E WANHMĒ, AMNHI E AMNHÁK	19
FORMAS DE TRATAMENTO E RESPEITO ENTRE PARENTES CONSANGUÍNEO	22
EXPLICAÇÃO SOBRE A FORMAÇÃO DE PALAVRAS DE PARENTESCO	27
TERMOS DE RESPEITO	28
OUTROS TERMOS DE RESPEITO	32
OUTROS TERMOS DE RESPEITO APLICADO A PESSOAS MAIS DISTANTES E NÃO CONSANGUÍNEAS DO FALANTE	32
ENTREVISTADOS:	33
FORMAS DE TRATAMENTO E DE RESPEITO NO CASAMENTO PANHĪ	34
REGRAS E PROIBIÇÃO NO CASAMENTO	41
AS FORMAS DE TRATAMENTO E DE RESPEITO COM MORTOS	42
TERMOS USADOS PARA ACONSELHAMENTO A PESSOA FALECIDA	44
FORMAS DE TRATAMENTO E RESPEITO ENTRE GRÁM E PAHGRÁMGĒT	48
FORMAS DE TRATAMENTO E DE RESPEITO COM OS PADRINHOS	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
BIBLIOGRAFIA	56

Sumário de Fotos

Foto 1- Imagem tirada da internet (não é Apinaje, talvez Canela)	14
Foto 2- Tora a esquerda é katám , com a pintura horizontal e a da direita é wanhme é a pintura com listras verticais	20
Foto 3-foto Sheila ,e Terezinha Amnhak, sua filha e neta ,Aldeia aldeinha.....	24
Foto 4- Sheila Apinaje, ano 2019, junto com a anciã Muko, na aldeia Bacabinha,	26
Foto 5- Troca de comida no casamento, foto de Sheila Apinaje, Aldeia Botica, Dezembro de 2018.	35
Foto 6- Jovem casal durante o casamento, e ao lado, dois rapazes (foto de Sheila Apinaje, Aldeia Botica) Dezembro de 2018	36
Foto 7- Conselheiro e cacique Tepkryt pahi ancião José R. da silva.....	36
Foto 8- SheilaApinaje e a anciã AlderinaMuko	41
Foto 9-Helena Maxy, minha avó, a quem chamo de mãe, e que contribuiu para a pesquisa	47
Foto 10- Maria José (Sipanu), uma de minhas entrevistadas, descansando em sua esteira	47
Foto 11- Entrevista com Maria Amhnák (Sikrãpo) aldeia Botica, abril de 2021.	48
Foto 12- Eu e minha (nã) xipo. Maria Irexti	52

Índice de Figuras

Figura 1-Quadro geral das formas de tratamento e respeito.....	29
Figura 2- Termos de respeito entre os parentes consanguíneos	29
Figura 3- Termos utilizados atualmente e termos que deveriam ser usados.	31
Figura 4- Termos usados atualmente da região da aldeia São José, e os abandonados.....	32
Figura 5- Termos de afinidade documentados por Kurt Nimuendaju	38
Figura 6- Quadro de termos de tratamento com afins utilizados atualmente.....	39
Figura 7-Quadro de termos de tratamento em uso ou abandonados.....	40
Figura 8 - Termos de respeito pelo grau de parentesco após a morte de parentes.	44
Figura 9- Quadro dos termos de tratamento utilizados no mēmýr (choro ritual).....	46
Figura 10- Quadro dos termos usados por nomeação	50
Figura 11- Nomes que alguém pode usar para chamar a Nã (madrinha)e Pãm (padrinho	51
Figura 9- Quadro dos termos de tratamento utilizados no mēmýr (choro ritual)	46
Figura 10- Quadro dos termos usados por nomeação	50
Figura 11- Nomes que alguém pode usar para chamar a Nã (madrinha)e Pãm (padrinho	51

Agradecimentos (Hãmri)

Agradeço ao TĩRTũM (Deus), imemorial minha bisavo Feliciano (Amnhi) Joaguim Nhĩnomeus Filhos AmnhiNhõkwua, Pẽpkrahõ, Hapor, Pẽpxá, esposo Gean da Silva, avós José Pepkryt e Helena máxy, Andressa, Aparecida, Maria irexi, Lucia Almeida, Luiza Regina, Vitorino Guimarães.

Agradeço aos meus orientadores, Joana A. Fernandes Silva e Alexandre Herbetta.

Carlo Bianchi. Nesta jornada de graduação e pesquisa chegando à parte final deste trabalho não falhar memória agradeço as contribuições recebida durante a graduação do curso. Agradeço à Universidade Federal de Goiás e ao Núcleo Takinahaky e todos os professores do curso Educação intercultural.

A todos os pesquisadores indígenas envolvidos, aos meus colegas do curso: Diana Dias, Ana Rosa, Percilia, Silivan, Aparecida.

Obrigado pela a compreensão dos meus familiares que me ajudaram emocional e financeiramente, não fosse por eles, não teria vencido no descolamento até a cidade de Goiânia. Eles entenderam minhas ausências e nos períodos de férias deles, passaram sem comemorar os aniversários dos meus filhos Pẽpxá e Hapor.

Finalmente terminei!

Dedicatória

Este trabalho dedico a toda a etnia Apinaje, em especial ao meu avô, José **Pepkryt**.

Apresentação

As relações de respeito entre os Apinaje (**Tãm mē amnhîpēx**)

O Projeto extraescolar tem sido importante para os Povos Indígenas e oferecido aos estudantes que estão cursando o curso de Educação Intercultural pela Universidade Federal de Goiás. Quando entrei na matriz específico o comitê de orientação orienta os roteiros da pesquisa, e a escolha do tema a ser trabalhado durante na formação acadêmica, como um projeto de pesquisa diretamente no seu território.

O tema escolhido é uma necessidade do povo indígena Apinaje, teve a urgência de buscar para a comunidade indígena uma nova praticas pedagógico, e retomar os saberes locais a **Forma de tratamento e Respeito entre Apinaje** que estão ameaçados de mudarem e isso está comprometendo o futuro deste povo, tendo em vista o cotidiano dos membros desta comunidade a qual fiz um compromisso de afirmar a identidade cultural, que a pesquisa irá recuperar as memórias históricas, cultural, social e pela valorização das línguas maternas e conhecimento e saberes do nosso povo milenar que vem resistindo a séculos nesta região do estado do Tocantins.

Diante das observações cotidianas, passei a observar as conversas na língua indígena, pois há interferência da língua portuguesa nos termos de respeito, lembrando ter chegado em uma casa, na aldeia, e perguntei a uma jovem por sua **Katorxá** (mãe), e ela não soube responder e eu expliquei o seu significado.

Quando ingressei na Universidade Federal de Goiás (UFG), nas aulas presenciais vi a importância do curso Educação Intercultural para os povos indígenas, e acompanhei os seminários dos estudantes apresentando seus trabalhos de conclusão do projetos extraescolares com temas importantes.

Retornando para a aldeia passei a observar mais o cotidiano nas aldeias Apinaje, e algum termo de respeito é usado na língua portuguesa e língua materna, realizei anotações dos termos usados para o parentesco, na intimidade, nos casamentos e, também, outros termos de respeito.

Esse tema vai garantir a sustentabilidade cultural, na lingüística e ambiental do povo Apinaje e a sentir a preocupação com o caminho das gerações da etnia.

Reuni a comunidade da aldeia Botica e outras aldeias a serem pesquisadas, explicando o tema escolhido e a importância de pesquisar todos. As aldeias que serão pesquisadas são: aldeia Botica, Mariazinha, São Raimundo, Aldeinha, Areia branca,

Bacabinha, são José, Serrinha, Prata, Bonito, Macaúba e outras. Pedi permissão dos entrevistados para usar de gravações de áudio, fotografias e anotações essa metodologia de pesquisa irá responder o tema do projeto extraescolar. Na pesquisa encontrei muitos saberes que se dividem em partes, mas não se separe, pois é muito difícil, mas no final tudo está conectado, mudando somente as regras para cada pessoa.

Minha vivência na aldeia

Sou Sheila Baxy Pereira de Castro Apinaje, nascida no dia 06 de julho de 1983 na aldeia Mariazinha, casada, tenho quatro filho, primeira filha, Ana Caroline Amnhi Nhõkua, Lucas Pepkrãhõ, Gustavo Pepxá e Ricardo Hapor. Até meus sete anos morei na aldeia Mariazinha. Vi muitas festas culturais, reunião no pátio, muitas pessoas na aldeia estudavam na escola da aldeia, no primário a alfabetização na língua materna com a missionária Bete, assim conhecida.

Ano de 1990 meus pais fundaram uma aldeia nas margens do Ribeirão Botica e ali vivendo nos dias atuais poucos mais de 130 habitantes, esta aldeia Botica sou professora, terminei meu ensino médio na aldeia Mariazinha no ano de 2008, fiz o Magistério Indígena, técnico em enfermagem na cidade de Tocantinópolis optei por ser professora e ingressei na Universidade Federal de Goiás no ano de 2016 no curso Educação Intercultural. Na aldeia convivi com minha bisavó que mim ensinou muitos saberes deitada em esteira na frente de casa mim contava historia junto com meu abisavô (Nhĩno)contava historia do sol e lua interpretado também por Odir Geraldin na tese de doutorado, contos do céu, historia de (**jawproj**),do porco do mato e a cantoria do porco,**mē! me! Kamē!**) e eles ensinava a forma de respeito e tratamento e anciã Maria José (**sipamnu**) ela mim ensinou a caçar, pescar, pegar fruta nativas mim ensinava os tempos das fruta e suas histórias.

Convivi com os professores Alexandre Herbetta e Joana Fernandes que me orientavam nos trabalho e eles ficaram como amigos nos momentos difíceis na Universidade; eles me ajudaram a permanecer, e quando adoecia ou, quando eles chegavam no território Apinaje, eu e toda a equipe cuidávamos deles, brincávamos que o comitê tem carro e casa, porque em sua cidade cuidaram da equipe Apinaje e, em particular, de mim.

Metodologia da pesquisa

Ano de 2018, iniciei as observações de campo, anotações, gravações, questionários e abordagem das nas aldeias, com os nomes de forma de tratamento e respeito que os jovens usam e os adultos realizaram todas as entrevistas com gravação de áudio e caderno de anotações e fotografias. Idas nas aldeias em busca de anciões. Leitura de Tese de doutorado e pesquisadores **kupe** (não indígena).

Questionário:

- 1- Como era a relação e regra de tratamento e respeito com os pais antigamente e atuais?
- 2- Enquanto anciãos ou jovens qual é sua observação com esses termos de tratamento e respeito?
- 3- Qual é a importância deste termo para os Apinaje.
- 4- Qual o comportamento de todo o povo Apinaje com essa pesquisa?
- 5- A pesquisa irá movimentar na escola e comunidade?

O que é Kooti e Koore, seus significados

Termos importantes para ler o capítulo

gràmngêt – madrinha

gêêti s. velho/avô

kra s. filho/filha/criança

kāmex- entrega de enfeites no batismo

pàr-kapê - encerramento do luto, com a corrida de Toras Grandes

hiponhōxwynh - brincalhões durante momentos rituais

ixkrenhōxwynh- é um ritual de pintura da cabeça **krekamã**

ixkràmnhwyre- amigo

Ixgrámngêti - criador, Sol

Pahhgràm re- Lua

Grám – afilhado, o que recebe os enfeites.

Segundo Odair Giralдин (2000), **Kooti** e **koore** é um sistema de metades que classifica os elementos mais por suas qualidades do que por suas semelhanças. Maybury-Lewis¹ (apud Giralдин), aponta que no mito, o Sol e a Lua são amigos formais e também personificam as metades Koti e Kore, as quais estão, conceitualmente, em relação de amizade formal. Ele afirma, então, que as relações entre os amigos formais Apinaje unem pessoas pertencentes às metades complementares.

¹ Relações entre a forma de transmissão de amizade formal e sistema matrimonial Apinaje Odair Giralдин

Início da criação Panhã

No início da criação, existia somente a terra vazia, sem seres vivos, o sol **myyti** chamamos de **ixkrámgêti** (criador) e por ser **kooti** desceu à terra e observa tudo, subiu novamente ao céu e convidou a **ixgràmnhwyre** (amigo) **pahgràmre que o panhi** chamam de **koore (lua)**. Eles desceram à terra para construir o universo sendo que o **kooti** pertence a posição nascente do sol e **koore** à lua e, sendo muito amigos próximos, começaram a conversar e a planejar a criação; primeiro fizeram os rios, matas, as aves, fogo e os animais. E não havia fogo, portanto eles andando no mato cerrado e tirava mel o mel do grámgeti (madrinha) colhia muito e **pahgràm re** colhia bem pouco devido o **grámgeti** (padrinho) se comunicava com todas as coisas e quando o **gramgeti** falava seca o mel e secava para a **pahgrámre** e **pahgramre** jogou tipo de vasilha (ahká) no chão e pegou fogo na terra e queimando tudo, o **gràmgeti** correu e subiu no tipo de casa de **kukryt pahtõ** e entrou para não si queimar porque estava bem fundo tem a casca grossa, e **pahgràm re** entrou na casa de maribondo que tem casca fina e a casa a lua não entrou o seu corpo tudo e ficou descoberto a barrida ficando do lado de fora e pegou fogo queimando sua barriga e desceu em direção ao rio. - o **gràmgeti** disse para a água secar e a lua mergulhou na lama para esfriar o seu corpo e o jabuti viu e arranhou sua barriga deixando o sinal até hoje vemos esse sinal na lua, Meu bisavô Joaquim Gregorio nhão contava a história do sol e da lua que tudo era bonança, as arvores tudo era baixo, o pé de buriti era tão baixo que o sol comia da fruta tirado do pé, e o sol defecava da cor do sol amarelo queimado ou vermelho e a lua perguntava ao sol por que defecava vermelho e o sol respondia que come a fruta só que apontava outra fruta (tokre rã) da mata sem ser o pé de buriti o sol enganava a lua mas sempre a lua descobria e queria fazer do mesmo jeito do sol **myyti**, e a lua **mytwrý**, descobriu que a lua comendo a fruta do buriti e imediatamente o a lua pegou um carroço do buriti e bateu jogou no pé e cresceu muito o seu pé ficando alto sem que poder pegar as fruta com a mão e a **myt** sol perguntou porque fez isso e **myyt** responde para os nossos filhos ver o pé de buriti de longe pois ali tem água, e separa de do serrado da mata e a lua espantou os animais dentre deles a cobra e o sol falou que nossos filhos lembrar que tem que

voltar sendo para casa, tudo enfim das arvore cresceu e tudo que o sol fazia a lua imitava e destruía o que o sol construía, mesmo assim fizeram uma roça, os instrumento como machado e foice trabalhava fazia derrubada sozinhos e a lua avistando os instrumento caíram ao chão e não cortou nada e o sol foi verificar o que tinha acontecido e brigou com a **mytwrýre** porque você não deixa trabalhar, os animais tudo manso e a lua o afastava.

Plantaram a roça das semente de cabaça e quando estava pronto tiraram e jogaram no rio, que nasceu o primeiro ser vivente pessoa e o myyti e mytwrýre o chamaram de filhos.

A posição **kooti e koore** não vai definir meu nome **panhĩ** que estou portando. Um **panhĩ** tem vários nomes por exemplo o meu nome **Máxy, Tepkryt, kunuka, Pãx, Amnhák** e muitos outros nomes, mas o nome não irá definir se eu sou **kooti e koore**. **kooti e koore** é um comportamento de posição na sociedade apinaje, meus avós maternos eles que irão me direcionar uma posição no meio do pátio após o batismo (**kãm mex**) que é a entrega de enfeite, se o avo virar para nascente do sol **kooti** ou pôr do sol **koore** a comunidade observa o posicionamento, sempre qualquer ato que realizar na comunidade ou acontecimento tem que lembrar qual é a posição. Na fase adulta quando casar ter essa memória se for **kooti** o casamento termina após o meio dia(tarde) e **koore** termina antes do meio dia, esta posição que vai me caracterizar em festa cultural como (**Párkape**, casamentos, e outros) a posição de **kooti e koore**, esses nomes que se tratam de pesquisa de muito antropólogos não indígenas tentam entender como que é a atuação de cada nomes destes, nas leitura de pesquisa Nimuendaju, DaMatta, Geraldin, encontrei muita pesquisa referente ao passado e que até hoje o apinaje sustenta a culturas tradicionais milenar. Na língua portuguesa talvez eu não esclareço o texto na forma clara, mas na língua materna posso esclarecer a posição do **kooti e koore**.

O antropólogo CURT NIMUEDAJU identificou quatro **kiyÊ**, **IPÔG-NYÔ- TXWÚDN, IKRE- NYÔ TXWÚDN, KRÃ- Ô- MBÉDY e KRÉ'KÁRA**. Para o Professor Cassiano Apinaje a palavra **kiyÊ** se aproximava ao som de **mjê** **significa** partido, e na minha pesquisa e convivência encontrei que atualmente somente o **hipoknhõxwynh**, mencionado pelo antropólogo, que são pessoas que

agem como palhaço, e que ainda existem nos nossos meios e na nossa tradição. Identificamos que o hipôknhōwxynh na entrega de enfeite kãm mex, tem o corte cabelo inhoká e **pintura hōkwa kaxkár, krã krór**. Foto abaixo.



Foto 1- Imagem tirada da internet (não é Apinaje, talvez Canela)

Essa foto de uma moça que parece ser da etnia Kanela, do Estado do Maranhão, ajuda a mostrar o corte de cabelo do hiponhōwxynh e krã o mex wxynh.

Identifiquei que o nome de ixkrenhōwxynh que foi encontrado por krenhōwxynh ou krekamã é uma tradição do **kãm mex** (batismo) é perguntado que tipo de enfeite será deixado para o **grám, hipôknhōwxynh e krenhōwxynh** tem suas pinturas e enfeite diferentes, e **krã o mex xwýnh** é uma tradição dentro do entrega de enfeite que recebe enfeite na cabeça, a palavra kré kára não identificamos no momentos.

Na lista levantada pelo Nimuendaju (A a D) não reconhecemos por partidos.

Segundo Odair Giraldin (2000), **Kooti e koore** é um sistema de metades que classifica os elementos mais por suas qualidades do que por suas semelhanças. Maybury-Lewis² (apud Giraldin), aponta que, no mito, Sol e Lua são amigos formais e também personificam as metades Koti e Kore as quais estão, conceitualmente, em relação de amizade formal. Ele afirma, então, que as relações entre os amigos formais Apinaje unem pessoas pertencentes à metades complementares.

² Relações entre forma de transmissão de amizade formal e sistema matrimonial Apinaje Odair Giraldin

Para Odair Geraldin (1994-p.65 a 93) os termos **koti e kore** não são, entretanto apenas referência as metade formada pelas pessoas que a ela se afiliam através dos nomes que portam.

Na minha observação de pesquisa de campo e experiência de ser indígena, e segundo o ancião **Tepkryt** relata que, não é dessa forma que funciona pelo nome dado pelos tios (**pãm e nã**) ao filho (**kra**) a definição do nome que um **panhĩ** leva, para ser **kooti ou koore** o nome **panhĩ** não vai direcionar, são ato dos avós materno em exposição junto com seu netos (**támxwy**) esse ato acontece quando estiver acontecendo a cultura de entrega de enfeites (**kãmmex**) e eu por ser indígena convivendo dentro da aldeia durante toda vida e recebi da minha grãmget maria anhàk aos 10 anos a pintura como **tôn ká e da Leide Anhàk aos 12 anos recebi a pintura de akaxpjê** e pintura da cabeça **krã hõk, kahĩ**, presenciei muitas festas culturais nas aldeias e participei do cotidiano, acompanhando a minha avó que ela era (**mẽõ krepõt kane**) rainha e sábia das cantorias.

Para Quirino Apinaje da aldeia Prata, **Kooti e koore** são pessoas para dividir na sociedade, através de posição do avô materno no momento **de kãm mex**, o koore fica de costa para o nascente do sol no meio do pátio, e kooti fica de frete ao nascente do sol, o gêt tem que saber o **agà xà**.

Kooti e Koore, na minha observação, organizam o comportamento de uma pessoa e dão uma posição a ela na sociedade Apinaje.

Como alguém pertence ao grupo **Kooti** ou ao grupo **Koore**?

Os avós maternos, no meio do pátio, direcionam a criança para uma posição, após o **kãmmex** (batismo com entrega de enfeites), quando é feita a entrega de enfeite; se o avô virar a criança para o nascente do sol **-kooti** – ela será **kooti**, ou se virá-la para o por do sol **-koore-**, ela será um **koore**. A comunidade observa o posicionamento da criança e qualquer ato, ou ritual que se realizar na comunidade, ou acontecimento, a pessoa saberá qual é sua posição.

Na fase adulta, quando casar é importante ter essa memória: se a pessoa for **kooti**, a festa de casamento termina após o meio dia e se for **koore**, a festa deve terminar antes do meio dia.

A posição de **kooti e koore** vai me caracterizar em festa cultural, no **Párkape**, em cerimônias de casamento e outros).

Muitos antropólogos não indígenas, tais como Kurt Nimuendaju, Roberto Da Matta e Odair Geraldin, tentaram entender como é a atuação dos **kooti** e dos **koore**. Encontrei muita pesquisa referente ao passado e percebo que, até hoje, os Apinaje sustentam sua cultura tradicional. Na língua Portuguesa talvez eu não esclareça o texto na forma clara, mas na língua materna posso esclarecer a posição do **kooti** e **koore**.

Segundo Odair Geraldin (1994-p.65 a 93) os termos **kooti** e **koore** não são, entretanto, apenas referência às metades formadas pelas pessoas que a ela se afiliam através dos nomes que portam.

Então, a posição **kooti** ou **koore** é dada pelo avô e avó, ao posicionar a criança em direção ao nascente ou ao poente no meio do pátio (centro) da aldeia. E neste ato ocorre o **kāmmex**, ou seja, o ato da entrega dos enfeites. Por ser indígena e ter vivido dentro da aldeia durante toda vida, participei de muitas festas culturais nas aldeias e participei do cotidiano, acompanhando a minha avó (tyj).

Minha avó era **mēō krepôt kane** (rainha) e sábia das cantorias. Ela explicou que os que pertencem ao **kooti** têm a personalidade **hipoknhōxwynh**, isto é, são pessoas sérias.

Após o **grámgêt** entregar os enfeites e a pintura sagrada, se saberá se uma criança é **kooti** ou **koore**, quando os avôs de uma criança, maternos, no meio do pátio, a posicionam para o poente, e ela será **koore**; se eles a direcionarem para o nascente do sol, a criança será **kooti**.

A posição **Koore** e **Kooti** orientará a maneira de uma pessoa comportar-se na sociedade Apinaje. Também minha bisavó **Amnhi** (Feliciana Doca) me explicou que essa orientação em relação ao sol define o pertencimento a uma das metades e que uma pessoa pode ser **kooti** e **koore**, mas é raro.

Somente os avôs mostram para seus netos se eles serão **kooti** ou **koore** e eles tem que sair até o pátio logo após a entrega de enfeite e da pintura sagrada. Essa pintura será entregue aos seus grám, e assim tudo se conecta.

O ancião Manuel (**Towo**), que em grande parte da sua vida viveu com o povo Kanela, é **koore** e os **koore**, explicou ele, pode se caracterizar de **ixkrenhōxwynh**.

Nomeação, batismo e entrega de enfeites

Na minha experiência de ser indígena e durante a pesquisa de campo, minhas observações coincidem com o que o ancião **Tepkryt** me explicou sobre a forma que funciona a atribuição do nome dado pelos tios (**pãm e nã**) ao filho (**kra**) da irmã. Se um **Panhĩ** é **kooti ou koore**, depende da direção que os avós colocam seu netos (**támxyw**), se leste, ou oeste, se nascente o poente.

A respeito da nomeação, Nimuendaju (pag.27) explica que:

Chegando uma criança à idade de cinco anos, mais ou menos, os pais ou avós escolhem duas pessoas que lhes são simpáticas, um homem e uma mulher, para entrar com a criança na relação de Kramgêd (masculino: Kramgêd-tí, feminino: Kramgêdy). A diferença de idade entre esses Kramgêd e a criança chamada por eles (pa) kram é sempre de uns dez anos, pelo menos. Ora, o Kramged-ti pertence aos Kiyê paterno, da Kramgedy ao Kiyê materno da criança. Pelo Kram são ambos tratados com a mesma consideração que se dispensa aos pais e aos avós.

Nimeundaju continua explicando:

Como estes não se tratam pelo nome individual, os Kramgêd, por sua vez só empregam o termo pa-kram quando se dirigem à criança. Tanto o casamento como o intercuro sexual extramatrimonial entre Kramgêd e Kram é até hoje estritamente proibido.

Para ajudar no entendimento desse processo de nomeação, Nimuendaju explica como é o convite para alguém ser o padrinho da criança?

O convite dos pais ou avós às duas pessoas que terão a relação de kramgêd para com a criança, é feito na forma de um pedido para que elaborem os enfeites usados por todos os membros da tribo, e nisto consiste, a meu ver, a principal obrigação desses Kramgêd.

Os enfeites, segundo Nimuendaju, que são os mesmos para ambos os sexos, compõem-se geralmente de sete peças: o cordão do pescoço com penas de arara),

os cordões dos antebraços, um par de peitorais de contas, jarreteiras com penas, cordões para as mesmas e ligas para os joelhos, com penas (Nimuendaju, pag. 27)

O cacique **Tepkryt** falou sobre nos grandes momentos que participou, quando o seu **grámget** (padrinho ou madrinha) veio ao encontro do **grám** (afilhado), ele veio com um lado do rosto pintado de preto e isso caracteriza um **hipoknhōwxynh**.

Ao nome **Panhĩ** dado a uma criança acontece de duas formas: pelos tios materno e paterno consanguíneos ou por outro membro da aldeia que se tornam como parentes das crianças através do nomeação. Os irmãos da minha mãe ou de meu pai tem a obrigação de nomear ao nascer levar presentes, tem todo o ritos para atribuir um nome, e eles serão os segundos pais que irão responder por todos os atos, festas de casamentos e tudo que acontecer com

O cacique **José Tepkryt, Maria Irexi e Maria Amnhák**, da aldeia Botica, relataram que algumas pessoas, em festa cultural, se apresentam como palhaços, porque a forma de agir é muito engraçada. Tudo que eles falam é incorporado pelo **hipoknhōwxynh**, porque eles são mentirosos no sentido bom de brincar, vem pulando de um pé e tentam mostrar as partes íntimas dos seu corpos. Segundo meus entrevistados, esse jeito deles é próprio e natural dos **hiponhōwxynh** e não se deve acreditar neles. Eles pintam uma metade do rosto de preto e outro vermelho, imitam pessoas aleijadas, cegos, pegam penas de qualquer espécie de ave, fazem brinco e põem um par nas orelhas.

Nimuendaju mencionou o **hiponhōwxynh**, na página 26.

Quando os Ipôgnyōtxwúdn como tais aparecem em alguma festa, por exemplo, nas iniciações ou na cerimônia de Pitxô-kantxwú, eles se comportam de uma maneira que lembra grandemente a conduta dos membros da sociedade dos palhaços entre os Ramkôkamekra - Canelas: cometem toda sorte de travessuras, às vezes muito obscenas para os civilizados, mentem, e furtam, o que ninguém leva a mal.

O senhor **Tepkryt** explicou que nas festas de **Pàr kapê** (Tora Grande ou encerramento do funeral, o **hiponhowxynh** não se mistura com **kooti**, age separadamente, se uma **tykatyj** (avó) estiver, chama para entrar e ali você jáá recobhece um hiponhowxynh.

Na observação dos acontecimentos, depois de muito tempo, entendi que os netos (**Támnhwý**), irão receber o jeito de agir do **gêt** (avô), isto é, o **hixinhumnhý**, ou

herança do comportamento; no final de uma cerimônia ele entrega um nome e na composição daquele nome, o avô ou avô fala do seu feitos durante sua vida como por exemplo: se o avô é namorador (**kuprykīn**), fala de suas partes íntimas (**nikákrire**), e se for de falar muito (**kaperprām**), todos os comportamentos dos avôs são repassados para os netos.

Após receber a pintura sagrada no ritual **kāmmeeex**, todos irão saber que ele pertence ao **Kooti, ou ao Kore**, já está definido o seu lugar na sociedade Apinaje; quando houver uma festa cultural, por exemplo, do ritual do **Pār kape** (corrida da Tora Grande) você se direciona às pessoas que estão pintando, se é a pintura da metade **WANHME** ou **Katam**.

Eu tenho vários nomes Apinaje, exemplo **Máxy, Tepkryt, Pãx, Muko**. Cada um desses nomes me foram atribuídos por pessoas diferentes, sem parentesco comigo.

Segundo meus entrevistados, a anciã Raimunda, da aldeia São Raimundo, **Irexi** e o cacique **Tepkryt**, da aldeia Botica, o enfeite e o nome podem ser dados independentemente da idade, pode ser uma criança, ou até adulto.

Quando morre algum parente consanguíneo, ou por parte da nomeação, após os sétimo dia do enterro, antes de ir ao cemitério o padrinho fala com seu **grám** para banhar seu **kra** (filho de nomeação) com casca de pau, e aquele **grám** fala para **grámgeex** para então preparar os enfeites.

Na minha vivencia na aldeia e também na pesquisa de campo com os entrevistados, Maria Irexti, Maria Amnhák (Sikrãpo), Helena Maxy, José Tepkryt da aldeia Botica, Raimunda (Kupeprõ) da aldeia são Raimundo, Sipanu da aldeia Bacuri, posso entender que, segundo eles afirmam, o nome recebido não define a qual metade alguém vai pertencer.

O que é Katám e Wanhmë, Amnhi e Amnhák

Em festas culturais todos tem um partido de pintura para seguir: **Katám ou Wanhme**.

Para a corrida de toras do ritual **Párkape**, que é o encerramento do luto, dois troncos de buriti são cortados aproximadamente na altura de um metro e trinta centímetros com um diâmetro de 0,60 cm, pesando mais de 40 quilos.

Na corrida de toras grande do ritual **Párkape**, o avô irá direcionar os adolescentes a suas metades respectivas, de nome **Katám ou Wanhme**, as quais todos

os **Panhi** pertencem. Um **Panhĩ** necessariamente pertence à metade **Katám** ou a **Wanhme**.

30% de nossa população é de anciões com idade de mais de 90 anos. Eles afirmam que os **kooti**, **koore**, os **hiponhõxwynh**, agem separadamente, e os mesmos falam que estão desaparecendo devido a que poucos jovens **Panhĩ** não procuram saber e porque poucas festas acontecem.

Por exemplo: muitos jovens confundem o formato de pintura **katám e wanhme**; os **katám** estão ilustrados na figura 1 com a pintura de lista horizontal, no mesmo comprimento do corte da tora grande. E **wanhmē** pela pintura vertical.

Katám e Wanhmē são dois nomes masculinos Apinaje de grande reverencia, o **Panhi** é dividido com as pinturas vertical e outra horizontal, esses nomes aparecem quando tem festa cultural do **Pår kapë** (Tora Grande).

Amnhi e Amnhák fiz pouco entrevista para aprofundar este saberes mas encontrei relatos desse dois nomes, Amnhi e Amnhák ajuntam suas companheiras que também tem sua importância na comunidade como nomes principais Amnhi, Amnhák, Katám e Wanhme, nomes grandes e respeitados.

Pintura de **katám e wanhme**



Foto 2- Tora a esquerda é **katám**, com a pintura horizontal e a da direita é **wanhme** é a pintura com listras verticais

Nas minhas observações em 2018 e 2020, nas entrevistas com anciãos eles relatam que a forma de tratamento a nova geração com a idade de 20 a 40 anos muita não busca as informações do passado para garantir a essa sustentabilidade cultural de manter a conexão, deixando que a interferência da língua portuguesa com a forma de tratamento e respeito.

Formas de tratamento e respeito entre Parentes Consanguíneo

São parentes em linha reta as pessoas que estão umas para as outras na relação de ascendente e descendentes, linha ascendente: 1º grau: pais. 2º grau avós. 3º grau bisavós 4º grau trisavós. Descendente 1º grau: filhos

As regras de tratamento e respeito entre familiares Apinaje são um ato de reverência ao pai e mãe, tios, tias, primos, irmãos, avô e avô e filhos; antigamente cada pessoa tinha uma forma de chamar, e de ser chamada, dentro das regras de respeito. Hoje poucos **Panhĩ** usam os termos de tratamento para falar com seus parentes.

Nas minha pesquisa observei e fiz anotações com os nomes que os jovens usam; os adultos tiveram todas as entrevistas gravadas e também fiz anotações. Fiz um levantamento de nomes.

Entrevistados:

Itelvina Apinaje - Aldeia são José

Maria Amnhák apinaje(Sikrãpo) -Aldeia Botica,

Maria José Sipamnu -Aldeia Bacuri

Raimunda Apinaje -são Raimundo

Helena Máxy Apianje-Aldeia Botica

José Ribeiro Apinaje -Aldeia Botica

Terezinha Amnhák apinaje- Aldeinha

Relber Pepkwry apinaje- Aldeia Palmeira

Ricardo Gôgre apinaje-Aldeia São José

Alderina Nuko Apinaje- Aldeia Bacabinha,

Iracy apinaje- aldeia Baixa Funda

Moxpa apinaje- Aldeia Boi morto

Maria de Jesus Apinaje- Aldeia macaúba

Manuel Towo apianje – Aldeia Botica

Adélia Apinaje– Aldeia Botica

Poliana Ját Apinaje-Aldeia Botica

Leila Paxre Apinaje - Aldeia Botica

Leia wár apianje - Aldeia Botica

Eukiaria apianje- Aldeia Botica

Valdecy Apinaje– aldeia Cipozal

A anciã Itelvina **Peti** Apinaje, com 90 anos, da Aldeia São José, respondeu a pergunta: como ela chamava sua mãe? Ela chamava pelo nome dela na língua Apinaje, a Itelvina falou que os filhos a chamam de mãe, em português, ou **wohti**. Seu avô ela o chama de **gêti**, sua avó de **tyjre**. Ela explicou que **katorxa (mãe)** é quem pariu uma pessoa, **inhipexá (pai)** que fez.

E a anciã Itelvina lembra dos bons momentos de antigamente, quando não se falava a língua portuguesa que hoje interfere nas conversas. Ela lamenta que os jovens não tem o interesse em conhecer os saberes tradicionais, como que são as regras de respeito, os nomes para cada um dos seus parentes. E não tem mais roda de conversas quando, nessa oportunidade, netos, bisnetos e filhos se reuniam no pátio da aldeia e os mais velhos aconselhavam o respeito. Atualmente ela está surda e cega, devido à sua idade.

A anciã Helena Maxy, de 68 anos da aldeia Botica, falou como que ela chama o irmão da mãe dela – **ixpãm** -, a mãe – **ixnã**, meu irmão de **ixtõ**, minha irmã de **ixtõx**. Foi muito difícil aprender, pois ela me repassou nomes que não são usados no cotidiano, que não são mais usados.

Para mim é o encontro de um novo recomeço, pois esse tema mexeu comigo e descobri muitas coisas; em cada entrevista descobri que existem várias formas de respeito e trata-se da essência e amor ao próximo.

O termo **nũ** foi substituído por mãe, da língua portuguesa.

No segundo semestre de 2018 entrevistei e fiz uma roda de conversa com as jovens Adélia, Poliana **Ját**, Leila **Paxre** Apinaje, Leila **Wár**, Eukiaria da aldeia Botica. Perguntei quem de sua família era **tõ** e **tõx**, qual é irmã ou irmão. Elas ficaram confusas. E a anciãs Maria **Irexí** e Maria **Sikrãpo** explicaram esses termos, e o ancião José **Tepkryt** falou também que **tõ** significa irmãos consanguíneos e **tõx** é irmão de nomeação.



Foto 3-foto Sheila ,e Terezinha Amnhak, sua filha e neta ,Aldeia aldeinha

Terezinha **Amnhák** tem 86 anos e é da Aldeinha. **Amnhák** contou que quando era pequena foi orientada sobre a maneira de chamar seu pai, sua mãe e os outros da família. Ela fala que a sogra de sua mãe a aconselhou de chama-la de **wýj**.

Ela chamava seu pai de **ixkamy**, palavra **Panhi** para irmão. Perguntei qual o termo para filha ou filho. Ela explicou que quando a criança nasce, se ainda não tiver nome, é chamada de **sisire** (menina) e de **pegire** (menino). A **Amnhak** contou que recebeu seu nome de **Siwá**, sua avó.

Segundo Terezinha, nos dias atuais os netos preferem chamar a mãe e o pai com os termos em português. São os mais velhos, que usam as regras de respeito, e ela mesma lista nomes que ainda nomes usados por ela, como por exemplo: **ixkamy**, **tyj**, **ixgê**, **kuxnã**, **nipo**. Sobre a **nomeação**, ela explica que, se o nome dela é **Amnhák**, vão chamar de **amnhánã**.

Contei para ela que Pedro corredor, era cacique e foi citado no livro do Curt Nimvendaju. Comentei com **Amnhak** que o livro do Curt Nimvendaju fala sobre a forma de tratamento e respeito entre os parentes, sobre a nomeação, sobre o **krám** e o

casamento. Nimuendaju escreveu sobre os Apinayé por volta de 1940³, e percebi que ainda preservamos muitos saberes e muitos dos termos registrados pelo autor. Com ela comparei os termos que ele registrou; ela me disse que o ancião Pedro corredor era seu **ixgê** (avô), pai de sua mãe e o conheceu antes de morrer. Ela ainda segue muitos dos conselhos, as recomendações e a consideração com todos. Antigamente, não se casava com parentes da família.

Ela fala dos dias atuais, e fica triste com os netos que não procuram saber dos parentes e nem quem são os parentes próximos. Casam sem ter informação de qual é o grau de parentesco, não tem mais consideração,

A anciã Alderina de Sousa Apinaje, de 89 anos, da aldeia Bacabinha, é lúcida responde as perguntas feita por mim e esclarece as dúvidas. Primeiro, relatou os saberes que ela viu e que hoje não acontecem mais.

Alderina de Sousa Apinaje explicou como antigamente eles faziam uma roça. Primeiro, as famílias interessadas avisavam o cacique que fariam uma derrubada para preparar a roça. O cacique avisava ao seu governador para ajuntar comida nas casas e as mulheres e homens iam para o lugar onde a roça seria plantada e, de lá vinham correndo com a tora de onde é a roça. A roça sempre é plantada no verão (época das chuvas) e ao chegar com a tora na aldeia, todos reunidos no pátio da aldeia cantam e comem. E faziam rodízio do trabalho na roça e quando terminava uma e começavam a outra. Ela lembra que participou desses momentos com muita alegria, mas hoje não se realizam mais as festividades da derrubada de roça.

Perguntei a ela como era a forma de tratamento e respeito com os parentes, e ela conta que gosta de falar como que era antigamente e de contar os saberes para os filhos e netos e que quando procuram informação, ela orienta as crianças para continuarem sendo índios e que, não fazendo isso, vão terminar todos sem a cultura. Tem que brigar e defender os índios.

Antigamente ela chamava sua mãe de **wýj ou katorxáre**; o pai, ela chamava **nhipexa**. Sua filha, ela chama pelo nome que foi dado pelo seu irmão ou irmã. O irmão, ela chama de **mrehti**, a irmã de **piikua**. Quando uma criança nasce, uma tia da criança coloca um nome e explicou que essa criança vai ser filha daquela que deu o nome, ela fala das regras de casamento.

³ - O livro Os Apinayé foi publicado em 1956, pelo Boletim do Museu Paranaense, do Museu Emilio Goeldi, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazonia.

Entrevistei Alderina Apinaje, da aldeia Bacabinha, em junho 2019. Cheguei na sua aldeia porque ela é minha **tyj**, irmã da minha bisavó Constância, minha parente de sangue. Ela contou primeiro como é estar na sua aldeia e sua filha sendo o cacique desta aldeia. Segundo ela, já conquistaram muitas coisas, tais como água encanada, luz elétrica e o transporte escolar que agora vai buscar as crianças na sua aldeia para levar até a escola mais próxima, pois sua aldeia não tem escola e também não tem agente de saúde.



Foto 4- Sheila Apinaje, ano 2019, junto com a anciã Muko, na aldeia Bacabinha, fazendo Levantamento dos nomes dos termos de tratamento e respeito antigamente

Explicação sobre a formação de palavras de parentesco

O afixo é um elemento que se junta a um radical para formação de uma palavra, alterando o sentido básico da palavra. Seu estudo faz parte da chamada Morfologia. Edwiges, F (2011, página 85) explica que em Apinaje, os sufixos são representados por palavras que assumem essa função, como por exemplo: **re (diminutivo)** e **ti (aumentativo)**.

Na língua Apinaje, as palavras listadas a seguir, o prefixo é representado por um pronome pessoal ou possessivo, como por exemplo, o **ix** (eu), **inh** (eu mesmo), **i** (eu).

Exemplos de prefixo:

katorxá: mãe; **ixkatorxá:** minha mãe; **akatorxá** - sua mãe.

gêt – avô; **ixgêt** – meu avô

agêt - tio

nã – tia; **ixnã**, minha madrinha; **anã**- tia

tôx- irmã; **ixtôx** (minha irmã), **atôx** - irmã; **prôr tôx** (cunhada)

Sufixo

Sufixo; exemplo **katorxáre** (maezinha ou **katorxáti** (mãezona)

katorxà - mãe/mamãe

katorxà kà kagô s. leite materno

katorxà s. lugar de nascimento

katorxà s. nascimento⁴

Para entender os termos listados abaixo, usa-se muito o prefixo **ix**, a para indicar uma pessoa que se refere à pessoa que fala de discurso, na primeira pessoa do singular.

⁴ - Palavras tiradas do Dicionário Apinaje (pag. 37)

Termos de Respeito

O quadro abaixo traz informações dos entrevistados que formalizei no quadro. São formas de tratamento e de respeito usados antigamente. Fiz uma busca desta relação dos parentes consanguíneos.

Língua materna	Português
Tykatyj	Avó
Gêt	Avô
Katorxá	Mãe
Nhipêxá	Pai
KraMy	Filho
Kra Ni	Filha
Kra Kot Wa	Filho\filha mais velha
Kra Kot Kati	Filho\filha do meio
Kra KotApu	Filho\filha caçula
Ixkra	Filhos da Prima
Ixkra	Filhos do primo
Gêt	Irmão do meu avô/avó
Tyj	Irmã do meu avô/avó
Pãm	Irmão da minha mãe /pai
Nã	Irmã da minha mãe /pai
Ixkra	Filhos da minha Irmã
Ixkra	Filhos do meu irmão
WaApenh O Tõx	Primos com primos
KraKará	Recém nascido
Kráhti/ Krare	Irmão chama o irmão
Piikua	Irmão chama a irmã
Támnhwý	Filhos da sobrinha
Támnhwý	Neto/neta
Tõ	Irmão
Ixkamý	Irmã com o irmão

Tõx	Irmã
TõxKra	Filho ou filha
Tõx	Prima ou irmã
Pegi	Menino
Sisi	Menina
KraKotHitep	Caçula
Áhtêk	Filho
Ajpar	Neto
Ajparxwyt	Filha
Mrehti	Irmão

Figura 1-Quadro geral das formas de tratamento e respeito

Termos de respeito entre **ixkurum mē apôt mē ã mnhîpex**
(os parentes consanguíneos)

Antigamente as regra de respeito

Figura 2- Termos de respeito entre os parentes consanguíneos

Termo em Português	Termo em Apinaje
Mãe	wyj, katorxá (re ou ti), nãj, nã, xáxá, Todos esses termos são usados para chamar a mãe, na língua materna.
Pai	hipexá,ixkamy Todos esses termos são usados para chamar o pai, na língua materna
Avó	Tyj
Avô	Gêt
Tio	Pãm, nhipexáre/ nhipexáti Todos esses termos são usados para chamar tio, na língua materna
Tia	Ixkatoxá /re/ti,(nã)
Filho	Ajáhtêk

Neto	Ajapar–támnhwý
Neta	Ajaparxwyt –támkwý
Irmã	Ixpikua
Recém nascido	KraKará
Filha	Akaxwyt
Primo	Tõ
Prima	Tõx
Sobrinho	Támkwý
Sobrinha	Támkwý
Filha da minha irmã	Ixkra (ixtõkra) Chama pelo nome que colocou
Filho do meu irmão	Ixtõkra(chama pelo nome que colocou)
Irmão	Ixkamý
Irmã da minha avó	Tyj
Irmão do avô	Get
Madrasta	nãpuro(katokáre)
Padrasto	pãmpuro(nhĩpēre)

Regra básica

- Quando há pergunta- cadê sua avó= **tukatyj**.
- **Tyj** é avó podendo chamar de **tyjre** ou **tyjti**.
- A **ixtámxwy**- fala do avó/ avó, meu neto.
- Quando os tios falam do sobrinho **ixtámxwý**

Neste terceiro quadro, logo abaixo, mostro os termos **Panhi**, de parentesco, que foram substituídos por termos da língua portuguesa, pela nova geração.

Os termos da língua **Panhĩ**, substituídos pelo português, em algumas das nossas aldeias, estão listados na figura abaixo; todas as crianças deixaram de usar os termos na língua materna, que são substituídos pelos termos em português. Identifiquei essa realidade nas aldeias da região da aldeia Mariazinha, nas aldeias São Raimundo, Brejão, Bonito, Macaúba, Barra do Dia e na Aldeia Botica onde realizei observações nestas

aldeias no comportamento ao chamar os pais em **panhĩ**. Verifiquei que todos deixaram de usar a regra de respeito, principalmente ao chamar os pais.

Nesta figura, apresento as minhas observações a partir das entrevistas; na coluna da esquerda estão as palavras usadas no cotidiano das aldeias, com interferência da língua portuguesa que atingiu e tirou as regra de tratamento de respeito na língua materna. Os termos para pai e mãe existem na língua materna, mas foram abandonados.

É importante essa busca ativa para saber como que está o movimento de sustentar e preservar a língua materna e é importante a retomada dos termos de respeito na comunidade e escola.

O uso da língua portuguesa na língua materna para chamar na regra de respeito na aldeia	Termo em Português	Termos que deveriam ser usados em Panhĩ
Mãe	Mãe	wýj, katorxá (re-ti), nāj, nā, nháxá
Pai	Pai	hipexá, ixkamy
wôhti/ wôwôti	Avó/avô	Gêt
Cunhado	Cunhado	Umre

Figura 3- Termos utilizados atualmente e termos que deveriam ser usados.

Já nas aldeias da região da aldeia São José, Aldeia Abacaxi, Aldeia Prata, Aldeia Brejinho, Aldeia Bacaba, Aldeia Bacabinha, Aldeinha, Aldeia Serrinha, Aldeia Areia Branca, os filhos chamam seus pais pelo nome próprio **panhĩ** para mãe e pai. Por exemplo: **Xômngôka** chama a sua mãe de **Sawo** e seu pai de **Kosêt**, seus nomes próprios.

Assim, nesta região poucos chamam seus pais na língua portuguesa, pois preferem chamar seus pais na língua materna.

E também algumas crianças chamam raramente em português, mas seguem na língua materna chamando o nome de seu pai e mãe.

Termos usados atualmente na região da aldeia são José	Termo em Português	Termo que não é usado em Apinaje
Mãe – substitui o nome pessoal, como por exemplo: Máxy, Sakunõ,	Mãe	wýj, katorxá (re-ti), nāj, nā, nháxá,

Amnhàk, Peti		
Pai – substitui o nome pessoal; em vez de chamar alguém por Mõnhgô, Tepjêt, Wanhme	Pai	nhĩpexá, ixkamy

Figura 4- Termos usados atualmente da região da aldeia São José, e os abandonados.

É importante saber como funcionam as regras de respeito e quais termos são utilizados para chamar ou para conversar com alguém. Mas nem sempre se usa a regra de respeito, pois existem várias formas de chamar uma pessoa. Você será respeitado a partir do momento que recebe nomes, parentesco, **krámgêt**, no casamento, cacique, pajé, cantores, parteiras e partidos nesses algum momento da vida você será chamado por alguém e do grau de respeito usa a forma de tratamento de respeito na comunidade.

Outros termos de respeito.

- ❖ **Kráhti** o irmão chama o irmão mais velho.
- ❖ **Kráre** o irmão chama o irmão mais novo.
- ❖ Ou ambos se chamam pelo nome que colocou nos seus filhos.
- ❖ Cacique sempre é chamado de **Pahi**
- ❖ O Chefe sempre é chamado de **Pahi**
- ❖ O Irmão da minha mãe ou pai, passa chamar de **ixtámkwý**.
- ❖ Meu filho: **ixkramy**
- ❖ Minha filha: **ixkrani**
- ❖ menino: **pegire**.
- ❖ Menina: **sisire**.
- ❖ Cadê seu irmão: **no atõ**

Outros termos de respeito aplicado a pessoas mais distantes e não consanguíneas do falante

- ❖ Ancião -**Piigêt**.
- ❖ Adulto-**Amahtár**
- ❖ Marido da minha tia-**Pãm**

- ❖ Mulher do meu tio-**nã**
- ❖ Guardião- **Pêp**
- ❖ Padrasto-**Pãm**
- ❖ Madrasta-**nã**
- ❖ Esposo da minha mãe-**Pãm**
- ❖ Esposo da madrinha-**Pãm**
- ❖ Jovem-**nyw**

Entrevistados:

O jovem Ricardo **Gôgreda**, da aldeia São José, falou que chama sua mãe pelo nome indígena dela, e chama seu pai pelo nome indígena dele, mas declarou não saber responder como deve chamar sua irmã nas regras de respeito.

O outro jovem por nome Relber **Pepkwry**, 18 anos, da Aldeia Palmeiras, relata que chama a sua mãe pelo nome de **Kurôt**. Ele soube responder às perguntas sobre as regras de tratamento e de respeito com os irmão e irmãs. Ele chama de **ixtôxe** para seu irmão de **ixtô**, ele ainda não casou, mas ele afirma que a mãe de sua esposa seria **ixmregêt**.

Raimunda **Kupeprô**, com 87 anos de idade, da aldeia São Raimundo, afirma que eram muito bonitas as regras de respeito, pois ela viu ainda muitos índios anciãos vivos que se chamavam de acordo com essas regras, e que hoje poucas pessoas se respeitam. Elas chamam de qualquer nome, ela diz que não pode, é falta de respeito; tudo temos que respeitar, disse. Hoje, os mais velhos já morreram e os que estiverem vivos temos que procurar respeitar, disse. Ela relata que muitos a procuram para saber informações sobre a nossa cultura, e também estudantes, indígenas e não indígenas. Ela fala da indignação que tem dos jovens que não procuram saber da realidade dos antepassados.

Com o passar do tempo que eu visitei as aldeias e durante meu trabalho de pesquisa sobre as regras de tratamento e respeito no cotidiano tive a oportunidade de buscar informações além dos conhecimentos que eu já tinha.

Vi que o povo Apinaje é separado entre as aldeias São José e Mariazinha e que essas aldeias tem suas formas e regras de respeito. Na aldeia São José, as pessoas ainda mantém forte alguns termos de respeito.

Descobri que é importante pesquisar e deixar como material pedagógico para a comunidade e escola, para servir de roteiro para as gerações futuras deste povo, juntamente com os professores orientadores da UFG, que visam a garantia da nossa cultura buscando próprios caminhos de resistir que nos somos protagonista dos nossos conhecimentos, e relatos dos antepassados ainda presente nos nossos meios.

Formas de tratamento e de respeito no casamento Panhã

Este tema foi pesquisado em continuidade à minha pesquisa, quando os mesmos entrevistados falaram das várias formas de respeito; uma delas são as regras de respeito e a forma de tratamento após o casamento, para com os familiares de ambas as partes, que devem ser respeitados. Foram entrevistados nas aldeias Botica, Macaúba, Mariazinha, Cipoal, São Raimundo, São José, Bacaba, Bacabinha.

As fontes de pesquisa foram os jovens, e anciãos e livros, com o objetivo de obter informação sobre as regras de respeito com os familiares dos casais, com o intuito de promover encontros com as famílias indígenas Apinaje para valorizar os conhecimentos e saberes milenares, este estudo foi desenvolvido por mim, aluna do curso de licenciatura intercultural pela UFG, área de conhecimento Ciência da Natureza, pesquisa do projeto extra-escolar. Que este material sirva tanto para os panhi e não indígenas, e respeitando as diversidades culturais.

As formas de regras e respeito com as pessoas que se unem um a outro, começam com um laço entre as famílias. Com essa pesquisa refletimos que as interferências da língua portuguesa são uma ameaça epistêmica.

As regras de casamento são composta de familiares dos casais que se unem e começam um laço de regras de respeito, segundo os entrevistados⁵ relatam.

Na união conjugal não pode ter vínculo de parentesco e outro forma de parente por parte de nomeação, de **grám** e outro essa linha não pode casar por que temem que os filhos podem nascer com deficiência, as mesmas observa quando um jovem se conhecem para casar não procura saber se os familiares tem vínculo parentesco, sem essa orientação casam. Mas antigamente se davam em casamento ainda crianças, após essa promessa das

⁵ - Os entrevistados foram: a anciã Maria José (**Sipanu**), Eloisa **Nhágry** aldeia São José, Helena **Maxy** da aldeia Botica, José **Pepgryt**, também da aldeia Botica, Valdecir Apinaje, da aldeia Cipozal, Alderina Apinaje, da Aldeia Bacabinha e Terezinha **Amnhák**, da aldeinha

famílias, na iniciação da adolescência ainda vigem unem os dois sem consulta de ambos⁶, as madrinhas *nã ou pãm* essas pessoas que a colocaram os nomes nesses jovens vam preparar os enfeites e comida tradicional para a troca de comidas, os familiares não entra para decidir na preparação e os enfeites do casamento, que chama o sogro de *ixmregête* sogra de *ixpânget*⁷ para cunhado *pomreget*, para cunhada de *pahpãnh*, para nora *dewyj*, genro *denuhá*. *Amnhák* tem somente nas memórias esses termos são pouco usados e só os mais velhos ainda se consideram e observa os jovens e ate umas pessoas de 30 a 40 anos é raro se chamar pela regra de respeito, só chamam pelo nome.



Foto 5- Troca de comida no casamento, foto de Sheila Apinaje, Aldeia Botica, Dezembro de 2018.

O ancião entrevistado **Tepkryt** (José da doca), cacique da aldeia Botica, explica o que é a troca de comida; ele relata que as madrinhas que **nãjaja** e **pãmjaja dos casais**, vão fazer essa troca de comida. As madrinhas, ou padrinhos, esperam um pelo outro nas trocas de comida e o que leva a comida aconselha tratar bem a esposa.

Se houver separação, nós que somos os padrinhos vocês estão vendo como que agimos, cortando lhe pau e outros.

⁶ Atualmente não segue essa regra.

⁷ A expressão em Apinaje o (ix e a) *ix para minha ou meu,apara sua ou seu* refere a primeira pessoa em discurso



Foto 6- Jovem casal durante o casamento, e ao lado, dois rapazes (foto de Sheila Apinaje, Aldeia Botica) Dezembro de 2018

- ❖ Os irmãos dela que leva o marido (pjen) até na casa de aonde ela estar, que o marido vai chamar eles de **umre**(cunhado).



Foto 7- Conselheiro e cacique **Tepkryt pahi** ancião José R. da silva

Fonte: SheilaApinaje,Aldeia Botica, Dezembro de 2018

Segundo o ancião Tepkryt (José da Doca) cacique da aldeia Botica. Como se torna um conselheiro de casamento? Para que serve um ancião para aconselhar o casal? Ele explique que antigamente tinha que ser um cacique ancião para aconselhar, atualmente só um ancião pode falar, ou o pai do noivo ou noiva procura seu padrinho a quem tinha colocado seu nome ele que irá aconselhar (**Gêt**), conforme o aconselhador segue se o casal é (**koore/ kooti**)se for **koore** o casamento termina antes do meio dia, e o **kooti** termina antes do pôr do sol. Sempre o casamento é durante o dia, o **gêt** pois essa pessoa

já adquiriu experiência ao logo da vida, como que o casal deve tratar na regras de respeito com os familiares do esposo ou da esposa, como que cada um deles vão chamar a parti dessa união, e ter respeito com a sogra(**pomregê**t) e sogro(**pomregê**xi), não ter discórdia entre casal ou familiares, ter compromisso com os familiares, para da - lhe respeito para serem respeitados os dois, o marido respeitar a esposa e esposa (**prô**) respeitar o marido (**pjên**). O marido se não ter respeito à esposa como traição as madrinhas pega ele e dar uma pisa, arrancando pelo cabelos, para ter medo das madrinhas da sua esposa.

Segundo os anciãos Tepkryt da aldeia botica, João Pedro da aldeia são Raimundo, Maria Ribeiro (**Sikrâpo**) aldeia botica, Alderina aldeia Bacabinha, elas afirmam que antigamente as forma de tratamento era rígido não pode chamar pelo nome, tinha que chamar pelas regras de respeito, que atualmente poucas regras são faladas entre si nos cotidianos da aldeia, mas ainda falam na língua materna alguma forma de tratamento e outras não são falados mais nos cotidianos da aldeia, e chamam pelos nomes **Panhĩ**⁸.

Sikrâpo fala como se dar em casamento, como que acontecia antigamente uma pessoa da família se estiver grávida não sabendo do sexo da criança, outra família vai leva enfeite e fala que quando nascer vai esperar daquela família nascer à família cuida até crescer e os padrinhos providenciam o casamento. E ainda nos conta que os jovens não têm relação sexual ainda jovens e precisam esperar amadurecer para ser forte, valente, não mudar a voz, para não perder as força.

Eu, Sheila, fiz roda de conversa com as jovens que moram na aldeia botica, Macaúba, aldeia são José, escola **Pepkror** alunos do 4º 5ºanos, escola **Tekator** de 6ºano do ensino fundamental e 3º serie do ensino médio no ano de 2018. Que são casadas como que tratam as suas sogras, sogras e cunhados e cunhadas, e como que marido e mulher se chamam no dia a dia, ou jovens que ainda não são casados. Os casados poucos sabem das regras de tratamentos e outros não procuram ou passam despercebidos, e alguns jovens que pretendem casar alguns já sabem como que é vai tratar a sogra e sogro. Essas conversas em sala de aula são muito importantes, eles afirmam que se vão observar sobre a interferência da língua portuguesa. Muitos anciãos falam que quando era pequenos brincavam de casinha e se chamavam nos termos, as crianças tem que brincar observar tudo que os adulto fazem, as crianças repete, como no choro, nomeação, fazer casa, fazer **paparuto**, fazer comida, costurar roupa , caçada etc.

⁸Panhĩ significa índio Apinaje

Nas minhas observações por aonde andei nas aldeias terra indígenas Apinaje fui observando os cotidianos das pessoas, homens mulheres, meninas e meninos de varias idades, as crianças poucas são orientados nos diversos termos e regras. Em algumas aldeias (as, os) adolescentes Apinaje se casam com não indígenas, que dificultam a comunicação na língua materna nos termos e regras de respeito panhĩ. Os adultos se comunicam nos ternos de tratamento e respeito devido às orientações em casa.

Segundo Curt Nimuendajú, em Os Apinaje, na pagina 142, naquela época o termos de parentesco estavam junto a estas regras e formas de tratamento no casamento.

Estes termos, registrados há mais de 100, anos ainda existem, com apenas com as mudanças de ortografias, mas o som continua o mesmo até hoje. É muito importante ter a escrita por não indígenas para comparar nos dias atuais e pelos próprios indígenas escritores juntos com os anciãos. Com a resistência de manter viva a cultura milenar que está preservada, apenas ter retomado do saberes para continuar.

Figura 5- Termos de afinidade documentados por Kurt Nimuendaju

Em Apinaje	Em português
Pomren-ged	Pai do marido
Pomren-gedy	Mãe do marido
sTu'káya	Pai da mulher
Papan-gedy	Mãe da mulher
Id-biyén	Marido
Id-prõ	Mulher
Tu'ká	Irmão do marido Genro (diz o sogro)
Tu'ka-ti	Marido da Irmã (diz a cunhada) genro (diz a sogra)
Pomré	Irmão do marido
Pomren-ged	Pai do marido
Pomren-gedy	Mãe do marido
Id-mbáe	Irmão da mulher
Papány	Irmã da mulher
Papan-ndi	Mulher do irmão (diz o cunhado)

Id-pienyõ	Marido da irmã (diz o cunhado)
Txwai-ti	Mulher do irmão (mulher do irmão (diz a cunhada)

Figura 6- Quadro de termos de tratamento com afins utilizados atualmente

Forma de Tratamento	Pessoa	Tradução para língua portuguesa
Pomregêt	Pjennhĩpexá	Pai do marido
Pomregêx	Pjenkatorxá	Mãe do marido
Umregêt	Prõnhĩpexá	Pai da esposa
Pãnhgêt	Prõkatorxá	Mãe da esposa
Gá	Pjen	Marido
Wa	Prõ	Mulher esposa
Umre	Pjêntõ	Irmão do marido
Pomre	pjentõx	Irmã do marido
Nuhkátì	Ixtõxpjên	Marido da Irmã
Umre	Ixtõpjên	Cunhado
Upãnh	Ixtõxpjên	Irmão da mulher
Pahpãx		Irmã da mulher
Xwýj		Mulher do irmão (diz o cunhado)
Pinhõ		Marido da irmã (diz o cunhado)
Xwýjti		Mulher do irmão (mulher do irmão (diz a cunhada)
Pomreget		Sogra com sogra
Tuhkàja/pomreget		Sogro com sogro
Tuhká	Pinhõ	Genro
Wýj	Kwyjti	Nora
Mjen		Marido
Prõ		Esposa
ixmáj		A esposa chama a irmão do esposo

Ixmáj, Tuhkàja-raramente é falado atualmente na aldeia

Quando alguém fizer pergunta, por exemplo: cadê seu marido, nesse sentido chama de **apjen**. Esposa de **aprõ**

Na intimidade o marido chama a esposa de **wa** e ela o chama o esposo de **gá**.

Figura 7-Quadro de termos de tratamento em uso ou abandonados

Pomregēt	Ainda fala	Pai do marido
Pomregēx	Ainda fala	Mãe do marido
Umregēt	Ainda fala	Pai da mulher
Umregēx	Ainda fala	Mãe da mulher
gá-	<i>Não fala mais</i>	Marido
Wa -	<i>Não fala mais</i>	Mulher
Umre	<i>Não fala mais</i>	Irmão do marido
Pomre	Ainda fala	Irmã do marido
Tuhkāti	Ainda fala	Marido da Irmã/sogra
Umre	<i>Não fala mais</i>	Cunhado
Upānh	<i>Não fala mais</i>	Irmão da mulher
Pahpāx	<i>Não fala mais</i>	Irmã da mulher
Xwýj	Ainda fala	Mulher do irmão (diz o cunhado
Pinhõ	Ainda fala	Marido da irmã (diz o cunhado
Xwýjti	Ainda fala	Mulher do irmão (mulher do irmão (diz cunhada)
Pomreget	Ainda fala	Sogra com sogra
Tuhkája	<i>Não fala mais</i>	Sogro com sogro
Nuhká	Ainda fala	Genro
Wýj	Ainda fala	Nora



Foto 8- Sheila Apinaje e a anciã Alderina Muko
Aldeia Bacabinha, maio e junho de 2019

A Mukô conta muitas histórias do passado, que chegou a ver momentos das tradições bem viva e alegre, que repassa para os netos pois eles que vão continuar a nossa história, ela fala se os meninos não aprender vão viver acultura do branco

Regras e proibição no casamento

Nas entrevistas aparecem muito às regras de proibições de casamento, antigamente tinha muito respeito de onde a família pertence qual é a posição de grau de parentesco, por exemplo, entre **grám e grámget, parentes de primeiro e segundo grau** não podem se casar, os pais que arrumava o par para casar, a avó que decide qual é genro para casar com sua neta, Casar entre parentesco nasce filhos deficientes. O conselheiro do casamento dita as regra de proibição no dia da união o comportamento do casal.

Segundo o Curt Nimuendajú na página (27 e 59) do livro Os Apinaje ele relata as proibições de casamento de primeiro e segundo grau, em linha de ascendente ou descendente. Atualmente isso não acontece mais, não sabendo dos familiares e acaba casando com parentes e outro.

As formas de tratamento e de respeito com mortos

Neste projeto extraescolar também pesquisei como se atribuem os termos de respeito aos entes queridos falecidos, em quais momentos são utilizados, e para quais graus de parentesco. Pesquisei também porque os que faleceram recebem outras formas de respeito depois da morte.

As anciãs da Aldeia Botica, anciã Helena Máxy Pereira da silva, de 68 anos, Maria Ribeiro Sikrãpo, de 86 anos, Maria José (**Sipanú**) 90 anos, Alderina de Sousa Apinaje, 89 anos, da Aldeia Bacabinha, falaram que aconselham as mulheres a aprenderem o choro ritual pois todos algum dia vão perder seus entes queridos; elas falam que serve para exortar a seguir os conselhos bons ou direcionar o choro criticando os maus tratos. No choro ritual se fala de sentimentos, da saudade, das alegrias, emoções e etc. Poucas mulheres, segundo elas, sabem o choro em forma de cantorias; quando estão reunidas, todas elas choram, pode ser no velório, em casamentos, batizados, na corrida da tora grande, nas lembranças, por saudades e etc.

Primeiramente, observei as lembranças dos conselhos da minha avó, referentes ao tratamento e ao respeito dos parentes. Pesquisei na aldeia à procura de um ancião para dar uma entrevista e, à noite, escutava as respostas às perguntas sobre o tema do choro.

Segundo Maria, ela aprendeu ainda jovem a chorar de acordo com as regras, quando ela e outras pessoas iam para a mata quebrar coco. Ela contou que acompanhava as sábias para aprender as tradições do nosso povo.

Ela disse que a anciã Feliciano, conhecida como (Doca), lhe repassava os conhecimentos. Feliciano ensinou que quando alguém da família morria, logo iria começar o choro, conforme a tradição.

Quando uma pessoa morre, ou morreu há mais tempo, deve ser tratada de acordo com as regras de respeito; geralmente, no choro são falados os nomes e o grau de parentesco das pessoas que já morreram. Os termos de tratamento dirigidos ao morto são diferentes dos termos usados pelos parentes quando ele está vivo, conforme se mostrou na tabela 8.

Durante o velório, e quando se faz o choro, se vai relembrando as pessoas da família que morreram.

Fiz gravações, anotei as palavras e fiz a observação do choro nas tradições. Observei que quando choram não há interferência da língua portuguesa. Essa tradição é uma forma de sustentabilidade cultural,

Dentro da aldeia há muita informação sobre a cultura e dos saberes indígenas e isso não tem fim. As descobertas do pesquisador não tem limites. Nessa relação dos conhecimentos da comunidade e do pesquisador, o pesquisador resgata, valoriza, preserva, repassa, desenvolve. Lembrei dos conhecimentos adquiridos com minha avó, quando era noite, ou nas colheitas de frutas na mata, ela me passava os seus conhecimentos quando estávamos deitadas na esteira, na frente da casa, olhando para o céu limpo e ela me passava que, quando eu pesquisar uma pessoa, tinha que ser de noite, no silêncio das noites. Nestas horas ela me aconselhava a levar um agrado para o entrevistado, como por exemplo, um colar e colocar no pescoço da pessoa. Minha avó falava que os saberes não tem fim, e sempre tem um seguimento profundo e tudo está conectado, tudo e todos andam juntos, tudo está presente. Trabalhei em busca de informação com as anciãs perguntando para obter mais conhecimentos, e descobri muitas coisas nas entrevistas. É importante pesquisar e descobrir que o tema das formas de tratamento e de respeito pode ser esticado.

Nesta pesquisa encontrei que homens também choram; eles têm outro ritmo de cântico.

Nas entrevistas com as anciãs elas relatam que se preocupam com algumas jovens que não se interessam em perguntar às anciãs. Elas têm medo que se não repassarem os conhecimentos, um dia vão acabar. Não há informação escrita sobre esse tema, apenas temos as fontes orais dos anciãos, não há escrita em livros didáticos para as escolas indígenas referentes às formas de respeito e tratamento entre os Apinaje.

A Helena **Maxy**, da aldeia Botica, relata que viu as tradições fortes quando era jovem e viu as tradições, mas hoje muitas coisas mudaram. Para ela, ainda se mantém a cultura no modo de falar e de agir. Helena **Maxy** diz que é preciso passar as informações para os jovens, ensinar as formas de tratamento e de respeito e todos os segmentos da cultura, principalmente as regras de respeito. Você tem que saber com quem vai falar, tudo tem que ter respeito, segundo Helena.

Quando alguém falece, Helena **Maxy** continua explicando, pode ser um ancião, quem faz o choro ritual que relata a vida do falecido, tudo que ele fez e usa algumas

frases como **ixmýr**, quer dizer, vai fazer falta. Ela diz que é importante incentivar a escrita, porque o choro é uma regra, que tudo é diferenciado mas tudo está interligado⁹.

Ela fala que quando um dos familiares fica agitado, os **grámgêt** seguram seus **grám**, porque podem ficar agitados e se debaterem e o **grám** já sabe que é para se acalmar. Alguém da família do falecido pode se exaltar e se bater com agressões corporais durante o velório e, por essa razão, os **grámgêt** ficam atentos.

Na entrevista, a anciã Maria (**Sikrāpore**) da aldeia Botica, fala das duas formas de cântico do choro; o **mýrmāpri**, ou choro normal, causado pela tristeza da perda, durante o velório ou quando acontecer algo com o neto ou com o filho. O **mýrmāpri** também pode aparecer em uma festa de casamento ou como reação outros acontecimentos.

Já o choro chamado **mýr prek** é uma outra forma de chorar como, por exemplo, no acompanhamento de uma pessoa na madrugada, ritual **mýrmaati**. É difícil explicar esse relato da anciã na língua portuguesa¹⁰.

Termos usados para aconselhamento a pessoa falecida

Este Termo de Aconselhamento é para identificar através dessa regra e diferenciar a pessoa viva de quem já morreu. Quando se pronuncia para uma pessoa viva, por exemplo, uma pessoa viva te aconselha e lembra da avó que já morreu e aconselharia assim, chama de **máxwýxti**, quer dizer, se estivesse viva, iria cuidar dos netos. E diferente do rito do choro.

Figura 8 - Termos de respeito pelo grau de parentesco após a morte de parentes.

Termos de tratamento e de respeito ao que morreu	Termos de tratamento e de respeito para os vivos	Tradução

⁹ - Mais abaixo irei transcrever o choro em **panhikaper**, na língua materna.

¹⁰ - Todas as entrevistas foram feitas na língua materna Apinaje, na tradução posso explicar todos os acontecimentos, mas muitas palavras em panhĩ não tem seu correspondente em português.

Máxwýxti	Tukatyj	Avó
Ixmáxtigêt	Higêt	Avô
Kapenhxwýnh	Kra ni	Filha
Kapenh	Kra my	Filho
Ihá	Tõ	Irmão
Akuprõm	Nhipexá	Pai
Nhýxwýx	Katorxá	Mãe
Inhi	Prõ	Esposa
Ixprewa	pjên atõx	Cunhado
Kaxwýx	Kra	Filha
Kamner	kra	Filho

Regra para o **Mē myr** (choro ritual) e como se direcionar ao morto; essa forma não é usada no cotidiano.

Abaixo um choro. **Mē myr** (*choro ritual Com lágrima*)

To inhmã ixkakra kawpenh áramē

Mē a nhūruwxy pixiwxy

Arēnh kamar nē

Nē a wyr amnhī to àr nē

Mē amã anhnhī na htã ánh nenh xàrà nē ixprī tahtã ánhýre kamã mē

Mē mumuxwy gêtswýnh mē

Anhūmxwý wa mē tahtã ohpôt kaprý tahtã kagu kati ra ixpikati kaw mã ka wa amnhī rīt xá kamã kapi pa ra

I á amumuxwý gêtswý nē apikati nē mē urák nē ra ixpikati mex kumrex get tahtã kot pa amànhiã tahtã pijaàm tyx agrýx nõkati nē ixkumýp kamã ixtahto ixpē kapêr to na nē

Ke pa ã kumýp tåt anē anhýr rãhã ri nē amumuxwý gêtswý nē

mumuxwý gêtswýnh ra nē urák nē ra ixpê pikati mex kumrêx nē

pa wa kapi tahtō kuxwyr kamā or pa amnhī kamā kuka gryk nē kumýp kamā tahto pikapêr tot anē

ket nē mumuxwý gêtswý wa nē kôt ixpê mē tahto nhõr mē pa ixpikati ã pa mã tâ mã ixkanhĩre tahtã kahkra kanhĩre tahtã mē támmãxwý mē kumã anhĩnhõrõkwý kre kakor tahto krĩ kanhyw tahtã kot o pa amnhĩmãnhĩxã tahtã xpijaãm tyx agrãx nõkati ra apu tahta awry mex kumrêx ixpýti mex nē mē kãm ixtahto mē ixkuxwýr xpa.

Todas essas palavras escritas em **panhĩ** são faladas durante o choro no momento do ritual do choro. Essas falas não são usadas cotidiano na aldeia.

Figura 9- Quadro dos termos de tratamento utilizados no **mēmýr** (choro ritual)

Tahtã	Kot wa	Mais velho
Mumuxwý	Tukatyj	Avó
Gêtswýnh	Gêt	Avô
Nhuruxwý	Katorxã	Mãe
Ixnhũmũxwý	Nhipêxã,pãm	Pai
Kahkraýráxwy	Kramy	Filho
Hatãmmãxwý	Tãmxwý	Neto
Ixkjêkunõkwýj	pjÊn	Marido
Ixwýxwý	Wýj	Nora
Kakrapinhixwý	Kra ni	Filha
Kakra apu pinhixwý	Kra kot apu	Filho Caçula
Kwýj	Ni	Mulher



*Foto 9-Helena Maxy, minha avó, a quem chamo de mãe, e que contribuiu para a pesquisa
Aldeia Botica, Novembro de 2018*



*Foto 10- Maria José (**Sipanú**), uma de minhas entrevistadas, descansando em sua esteira
Aldeia Brejinho, setembro de 2019.*



Foto 11- Entrevista com Maria Amhnák (Sikrãpo) aldeia Botica, abril de 2021.

Ela é minha **ixgrámgê**t e ela me chama de pahgrám, nesta entrevista repassou muitos saberes **panhĩ** como é a forma de tratamento e respeito e cântico do choro, em outros temas ela tem participação como outros participante deste trabalho.

Somente concluir esta entrevista no ano de 2021 devido uma epidemia de saúde que causou doença que atingiu o mundo inteiro, a Etnia Apinaje foi atingindo com casos leves e que esta doença causado pelo novo CORONAVIRUS Covid-19 a um(01) ano estamos vivendo outra regra na aldeia, sem poder se aproximar das pessoas na aldeia ela conta que no passado morreu muitos com o mesmo sintomas até finalizar este trabalho de entrevista ela não pegou a covid-19.

Tivemos muitos trabalho de prevenção, orientação e controle de fluxo de pessoas na cidade e a anciã orientou muitos medicamentos tradicional para não morrer.

Formas de tratamento e respeito entre Grám e Pahgrámgê

Este ritual de entrega de enfeite é muito importante pois é desta forma que irá saber do posicionamento da sua vida na sociedade apinaje, a partir deste momento quando começamos a dar os primeiros passos quando ainda criança o ancião Tekryt fala que esse batismo acontecia em dois momentos, um acontecia quando era criança e outro momento quando morria um membro da família ou por parte de nomeação. Esse termo de respeito para quem está batizado no ritual

muito importante para o **Panhĩ**. Aqui que começa tudo, é o início do **Panhĩ**. A minha **grámget SIKRĀPO** e minha **nã Irexi** falam que esse termo de respeito, o **grámget**, era o mais temido no passado, mas atualmente pouco se segue este respeito.

As relações entre **Grám** (afilhado) e **grámget** (madrinha) são muito sérias e com muitas regras.

A anciã Maria (**Sikrapo**) fala sobre as proibições e as regras de respeito entre **grám** e **grámget**: quando o **grám** por acaso encontrar o **grámget** não pode falar com ele, não pode oferecer alimentos, não podem se casar. Quando o **grám** encontrar seu **pahgrágex**, deve virar para o outro lado da estrada e o **grám** fala para os filhos e para todo os parentes consanguíneos do **pahgrám** para ter medo dele ou dela, falando que irá comer os filhos do **pahgrám** esse pessoa chama de **kanê**, já lavou o dente para comer a comida **do pagram**. Caso o homem ou mulher chama a mulher de **pahgrám** e a **grám** chama de **ixgrámget**, e os filhos da **grám** chama o **pahgrám de kanê**. No caso de jovem **pahgram** chamam de **Pahpê**, **Pahpê é uma regra de respeito para não chamar pelo nome**.

Objetivo é compreender melhor o ritual de entrega de enfeites pelo amigo formal (Odair Geraldin, 1994 a 162)

Quando Morre um membro consanguíneo ou parentesco de nomeação, após levando para o enterro, oito dias após os padrinhos e madrinhas aqueles que colocou nome nos parente do que morreu, os enlutados e os padrinhos falam para seus grám a banharem os enlutados de casca de pau pode ser na aldeia ou no cemitério. De 3 a 6 meses aquele padrinhos ou madrinhas fala com seu **pahgrám** a prepararem os enfeites, na mata pega pena de curica, papagaio, arara (**krêre, twryjti, mám prý**) para o preparo de enfeite de **kahĩ e nõkà (panturrilha) õ prepre(gargatilh)**. são composta por duas famílias: primeiro uma das famílias vai ser grámget e outra por madrinha com suas (kra) a família (1) busca a preparação de enfeites e família (2) busca por alimentação, quando está pronto os enfeites E chegada a hora da avó ou uma anciã que saber cantar **krã o rĩ kã** cantar a madrugada cântico sagrado até amanhecer do dia então já o **grám** leva uma cabaça de água no ombro banhado sua **pahgrám** e os avós também banha e depois choram lembrando os que morreram. Aquela madrinha ou padrinho reúne com seus **tõx/tõ** para preparar o alimento no decorrer do dia preparam comida para dar em troca dos enfeites. Os que preparam que são **pahgrám** leva os enfeite e juntam todos seus

afilhados **kra** para se pintar para todos irem até a casa do **grám** que fica na casa da madrinha, chegando a hora de deixar os enfeites como da panturrilha (**kãm nõnh xá, kahi, õ prehppe, õhi, krãjanhgê**) e enfeite da cabeça e tipo de pintura, e pinturas que corporal que são sagradas (**axkanhê, tõn ká, krupure**) são entregue para grám quem vai receber e o corte de cabelo, banho sagrado, esses pintura segue somente para quem recebe e quando se casar usa essa mesma pintura e a posição se é **KOOTI** ou **KOORE**.

Formas de tratamento e de respeito com os padrinhos

Esse termo de respeito também é muito importante, os padrinhos ficam responsáveis pelos seus afilhados e eles que respondem por eles na ausência dos pais biológicos.

O nome pode ser atribuído pelos tios maternos ou paternos, ou também por outro membro da comunidade.

Há relatos dos anciãos que para alguém estabelecer vínculos com uma família, colocam nome em um recém-nascido, essa foi a explicação. Por exemplo, Maria Irexi explica que ela chama o seu padrinho, Zé da Doca, que lhe deu o nome para ela, de **nhumpore**. Ele a chama de **Tepkrynã**. A Maria **Irexi** chama sua madrinha Helena **Maxy** de **Nhikágrã** e **Helena Maxy** a chama de **Ire**.

As anciãs Alderina da aldeia Bacabinha, **Sikrãpore** da aldeia Botica, **Kupepro** da aldeia são Raimundo e **Sinoakot** da aldeia Aldeinha, falam na entrevista do respeito dos padrinhos e várias delas já não tem mais seus padrinhos, pois faleceram. Elas incentivam seus netos a utilizarem a forma de respeito e a não chamarem os padrinhos pelo nome. Podendo seus padrinhos a chamarem pelos nomes que o mesmo tenha colocado ao contrário dos afilhados, irá chamar pela estatura, pelo formato da pessoa ou pela cor de pele. E assim também são os padrinhos chamam os seus afilhados. Segundo os entrevistados para chamar o seu padrinho (pãm) de **nhũmpo-** significa pessoa magro, **nhũmprêk – pessoa com estatura alto**.

Segundo o ancião José **Tekryt**, antigamente, o Padre obrigava os pais batizar as crianças **panhĩ** em missa era obrigado ter nome e sobrenome em kupe- não indígena.

Katorxáre/ti	Mãe
Nháká	Tia ou mãe, ou madrinha
Pan	Tio/pai
Ixpikua	Prima
Ixkamý	Primo

Figura 11- Nomes que alguém pode usar para chamar a **Nã** (madrinha) e **Pãm** (padrinho)

Chamar minha madrinha (nã) \Rightarrow	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Nhipore ✓ Nhikágrãgrã ✓ Nhikágrãgrãti ✓ nhikágrãgrãre ✓ Nhipoti ✓ Nháká ✓ Nhiprêk ✓ Ixkatorxáre ✓ Ixkatorxá ✓ ixKatorxá
Chamar meu padrinho (pãm) na forma de respeito \Rightarrow	<ul style="list-style-type: none"> ✓ nhĩpexà ✓ nhũmpo ✓ nhũmprêk ✓ nhũmkrire ✓ nhũmtyk ✓ nhũmkágrãgrã

Os entrevistado da região da aldeia são Jose e alguns da região da aldeia Mariazinha também falam que os afilhados chamam pelo nome próprio por exemplo; Máxýnã, Tepkrynã, Rôrônã.

A anciã Iracy da aldeia Baixa Funda, chama o seu padrinho que colocou o nome nela, de **nhìpexàre** e a madrinha de **ixkatorxáre**, e sua avó a orientava. Mas, no decorrer dos anos ela observa que a forma de tratamento mudou e atualmente seus netos chamam os padrinhos e pais pelo nome comum e não há mais termos de tratamento ou na língua Portuguesa de pai e mae.



Foto 12- Eu e minha (nã) xipo. Maria Irexti
Aldeia Botica, abril de 2021

Esta foto foi tirada por mim, com minha (**nã**) **Irexi** e eu chamo de **Xipore**. Ela colocou meu nome de **Pepkryt nome masculino**.

No ano de 2020 não realizei pesquisa de campo em outras aldeias, devido a doença causado pela COVID-19, esta pandemia fez o mundo parar. O término deste trabalho de pesquisa se deu somente na aldeia Botica, onde eu resido. Em 2021, ainda estão proibidas as visitas e a aproximação dos anciãos. Quando observei que a covid-19 estava calmo, não teve registro no meses de Fevereiro a maio pude entrevistar em sua casa na aldeia que eu resido.

Não se falava em outras assuntos histórias do passado reativou memórias das anciãs, na aldeia botica a anciã Olinda Apinaje de 93 anos fala que ficou muito preocupada desta doença e se preveniu muito passado raiz no seu corpo e embira

amarrado no seu pulso e tornozelo, bebeu bastante casca de pau para ficar forte e ela fala que não pegou esta doença e nem da sua casa.

Considerações Finais

Com o passar do tempo que eu visitei as aldeias e durante meu trabalho de pesquisa sobre as regras de tratamento e respeito no cotidiano, tive a oportunidade de buscar informações além dos conhecimentos que eu já tinha.

Dentro da aldeia há muita informação sobre a cultura e dos saberes indígenas do passado e isso não tem fim. As descobertas do pesquisador não tem limites. Nessa relação dos conhecimentos da comunidade e do pesquisador, o pesquisador resgata, valoriza, preserva, repassa, desenvolve. Lembrei dos conhecimentos adquiridos com minha avó, quando era noite, ou nas colheitas de frutas na mata, ela me passava os seus conhecimentos quando estávamos deitadas na esteira, na frente da casa, olhando para o céu limpo e ela me passava que, quando eu pesquisar uma pessoa, tinha que ser de noite, no silêncio das noites. Nestas horas ela me aconselhava a levar um agrado para o entrevistado, como por exemplo, um colar e colocar no pescoço da pessoa. Minha avó falava que os saberes não tem fim, e sempre tem um seguimento profundo e tudo está conectado, tudo e todos andam juntos, tudo está presente. Trabalhei em busca de informação com as anciãs perguntando para obter mais conhecimentos, e descobri muitas coisas nas entrevistas. É importante pesquisar e descobrir que o tema das formas de tratamento e de respeito pode ser esticado.

Vi que o povo Apinaje é separado entre as regiões da aldeias São José e Mariazinha e que essas aldeias tem suas formas e regras de respeito. Na aldeia São José, as pessoas ainda mantém forte alguns termos de respeito.

Descobri que é importante pesquisar e deixar como material pedagógico para a comunidade e escola, para servir de roteiro para as gerações futuras deste povo, juntamente com os professores orientadores da UFG, que visam a garantia da nossa cultura buscando próprios caminhos de resistir que nos somos protagonista dos nossos conhecimentos, e relatos dos antepassados ainda presente nos nossos meios.

As fontes de pesquisa foram os jovens, e anciãos e livros, com o objetivo de obter informação sobre as regras de respeito com os familiares dos casais, com o intuito de promover encontros com as famílias indígenas Apinaje para valorizar os conhecimentos e saberes milenares, este estudo foi desenvolvido por mim, aluna do curso de licenciatura intercultural pela UFG, área de conhecimento Ciência da Natureza, pesquisa do projeto extra-escolar. Que este material sirva tanto para os panhi e não indígenas, e respeitando as diversidades culturais.

As formas de regras e respeito com as pessoas que se unem um a outro, começa um laço de regras entre as famílias. Com essa pesquisa refletimos que as interferências da língua portuguesa é uma ameaça epistêmica, as regras do casamento é composta de familiares dos casais que se unem e começa a um laço de regras de respeito, segundo os entrevistados¹¹ relatam como é esse união não pode ter vínculo parentesco e outro forma de parente por parte de nomeação, de **grám** e outro essa linha não pode casar por que temem que os filhos podem nascer com deficiência, as mesmas observa quando um jovem se conhecem para casar não procura saber se os familiares tem vínculo parentesco, sem essa orientação casam

¹¹ - Os entrevistados foram: a anciã Maria José (**Sipanu**), Eloisa **Nhágry** aldeia São José, Helena **Maxy** da aldeia Botica, José Pégryt, também da aldeia Botica, Valdecir Apinaje, da aldeia Cipozal, Alderina Apinaje, da Aldeia Bacabinha e Terezinha **Amnhák**, da aldeinha

BIBLIOGRAFIA

Helena máxý Apinaje (aldeia Botica)
José tepkryt, Apinaje (Aldeia botica)
Itelvina Peti Apinaje (aldeia São José)
Eloisa nhákry Apinaje (Aldeia São José)
Alderina Muko Apinaje (Aldeia Bacabinha)
Raimunda kupēpro Apinaje (aldeia São Raimundo)
João Pedro Apinaje (Aldeia São Raimundo)
Maria sikrâpo Apinaje (Aldeia botica)
Maria irexi, (Aldeia Botica)
Iracy Irekrêx Apinaje (Aldeia Baixa Funda)
Robson Apinaje (Aldeia Palmeira)

ALBUQUERQUE, Francisco Edvirges, Gramática pedagógica da língua Apinaje –
Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011.

GERALDIN, Odair, 1994 Axpēn Pyrák, Historia, Cosmologia, Onomástica, e amizade
formal Apinaje. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia do Instituto de
Filosofia e ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

NIMUEDAJU, Curt (1939) Os Apinaye, Boletim do Museu Emilio Goeldi, Tomo XII,
1956, Belém, Pará